

O PADRÃO DA ORAÇÃO

Jesus realizou muitos milagres no decorrer de seu ministério, ele andou sobre a água, transformou água em vinho, curou enfermos, ressuscitou mortos.

Como João disse, **João 21:25 Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos.**

Sempre me admiro de que os discípulos não tenham perguntado a Jesus como andar sobre a água, como acalmar uma tempestade ou como realizar qualquer de seus outros milagres. Entretanto, eles pediram a Jesus que os ensinasse sobre a oração. Em vez disso que eles pediram a Jesus que os ensinasse como orar. **Lucas 11:1 De uma feita, estava Jesus orando em certo lugar; quando terminou, um dos seus discípulos lhe pediu: Senhor, ensina-nos a orar como também João ensinou aos seus discípulos.** (O exemplo)

Estou certo de que os discípulos viram com clareza a inseparável relação entre o poder que Jesus manifestava e as horas que ele gastava em solidão, conversando com seu Pai.

A instrução que Jesus deu sobre a oração vem até nós tanto do Sermão do Monte, em Mateus 6, como de Lucas 11. Jesus inicia seus comentários sobre o padrão para a oração com estas palavras:

Mateus 6:5-9 E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais. Portanto, vós orareis assim.

Jesus instruiu aos seus discípulos que podemos fazer dela uso na vida pessoal do crente ou na vida devocional da igreja, mas também estava ensinando um padrão para nos mostrar a maneira como devemos orar.

Jesus estava nos dando um esboço de prioridades ou de coisas que devem ser prioridades em nossa vida de oração. Consideremos, uma por vez, as seções da Oração do Pai Nosso:

PAI NOSSO

As duas primeiras palavras da oração são radicais, conforme usadas no Novo Testamento. A palavra Pai não era a forma básica de dirigir-se a Deus, achada na comunidade da antiga aliança. O nome de Deus era impronunciável. Uma pessoa não se dirigia a ele com qualquer grau de intimidade. O termo Pai quase nunca era usado para falar com Deus ou para dirigir-se a ele em oração no Antigo Testamento. Mas, no Novo Testamento, Jesus nos trouxe a um relacionamento íntimo com o Pai, destruindo a separação simbolizada pelo véu no templo. Jesus nos deu o incomparável privilégio de chamar Deus de "Pai".

Jesus foi o primeiro a mostrar que a oração é uma conversa pessoal com Deus. Jesus, que falava aramaico, usou a palavra aramaica Aba, melhor traduzida como "Pai" ou "Papai".

Podemos quase ouvir o clamor de alarme dos discípulos e ver o semblante de admiração em sua face.

Você não está dizendo realmente isso, Jesus. Você não pode estar falando sério! Não temos nem mesmo permissão de falar o nome de Deus em voz alta. Não o chamamos de Pai, quanto menos de Papai!

Ironicamente, hoje vivemos em um mundo que supõe que Deus é o Pai de todos, que todos os homens são irmãos. Vemos isso em expressões como "a paternidade de Deus" e "a irmandade dos homens". Mas, em nenhuma passagem, as Escrituras dizem que todos os homens são nossos irmãos.

Elas dizem realmente que todos os homens são nossos próximos.

Há um sentido especial em que Deus é o Pai de todos os homens como o Doador e Sustentador da vida, o criador por excelência da raça humana. Mas na Bíblia nada indica que um indivíduo pode se aproximar de Deus em um sentido familiar. A única exceção é quando essa pessoa é adotada na família de Deus, por expressar fé salvadora na expiação realizada por Cristo e se submeter ao seu senhorio. (Exemplo Ester e o rei Assuero)

Somente quando isso acontece, a pessoa obtém o privilégio de chamar a Deus de Pai. **João 1:12 Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome.** Somente quando isso acontece, é que Deus chama os homens de "filhos".

A palavra grega exousia, traduzida "poder", denota a liberdade de agir e a autoridade para essa ação.

Chamar a Deus de "Pai", sem a credencial própria de filho, é um ato de presunção e arrogância extrema.

Não achamos a ideia de uma paternidade e irmandade universal na introdução da Oração do Pai Nosso. Esta suposição cultural nos leva a não compreender o que Jesus está dizendo.

A paternidade de Deus não pode ser admitida como certa por toda pessoa no mundo.

Jesus é o único que tem o direito de dirigir-se a Deus desta maneira, pois somente ele é o unigênito do Pai, havendo existido desde toda a eternidade em um relacionamento com o Pai.

Se houvesse paternidade e irmandade universal em algum sentido, ela teria de ser vista na conversa de Jesus com os fariseus em João 8. Os fariseus estavam reivindicando serem filhos de Abraão, descendência de Deus por associação ancestral. Jesus os desafiou quanto a isto, dizendo: **João 8:39-40,44 Então, lhe responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-me, a mim que vos tenho falado a verdade que ouvi de Deus; assim não procedeu Abraão. Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.** Há uma distinção clara entre os filhos de Deus e os filhos do Diabo. Os filhos de Deus ouvem a sua voz e lhe obedecem.

Os filhos do Diabo não ouvem a voz de Deus; eles lhe desobedecem por fazerem a vontade de seu pai, Satanás. Há apenas duas famílias, e todas as pessoas pertencem a uma ou a outra dessas famílias.

Não háo terceiro tipo, café com leite.

Todavia, ambos os grupos têm uma coisa em comum. Os membros de cada família fazem a vontade de seu respectivo pai, ou Deus, ou Satanás.

Se examinarmos o Novo Testamento, fazendo perguntas a respeito de quem são os filhos de Deus, a resposta é clara. O Novo Testamento não é impreciso nem enigmático quanto a este assunto. **Romanos 8:14-17 Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.**

No versículo 14 desta passagem, a palavra "todos" é o que se chama de forma enfática para indicar uma exclusividade e não uma universalidade. Paulo nos ensina que é somente pelo Espírito Santo que podemos chamar a Deus de nosso Pai. O significado disto no Novo Testamento é que somos filhos, mas não filhos ilegítimos.

Nossa filiação não é automática, não é herdada e não é genética; antes, ela é derivada única e exclusivamente de Cristo. A palavra do Novo Testamento para esta situação é adoção.

Por causa de nosso relacionamento de adoção com Deus, por meio de Cristo, nos tornamos cordeiros com Cristo. É somente porque estamos em Cristo e ele está em nós que temos o privilégio de dirigir-nos a Deus como nosso Pai e aproximar-nos dele em um relacionamento filial. Martinho Lutero disse certa vez que, se pudesse apenas entender as primeiras duas palavras da Oração do Pai Nosso, ele nunca mais seria o mesmo.

A palavra nosso significa que o direito de chamar a Deus de "Pai" não é apenas meu. É um privilégio coletivo que pertence a todo o corpo de Cristo. Quando eu oro, não chego diante de Deus como um indivíduo isolado, mas como um membro de uma família, uma comunidade de santos.

QUE ESTÁS NO CÉUS

Na época em que Jesus falou estas palavras da Oração do Pai Nosso, havia um debate sobre o local exato da presença de Deus. Na conversa entre Jesus e a mulher samaritana no poço, Jesus enfatizou que Deus é Espírito e, como tal, não pode ser localizado em um lugar específico (Jo 4).

Ele não estava nem no Monte Gerizim, como ela pensava, nem em Jerusalém, como acreditavam alguns dos judeus. Deus é onipresente. Não há restrições finitas à sua presença divina, mas Cristo falou de seu Pai como quem estava no céu. Por quê? Cristo estava falando sobre a transcendência de Deus. Visto que Deus não é parte deste processo

mundano, ele não é parte da natureza. Ele não pode ser confinado a uma localidade. O Deus a quem nos dirigimos está acima e além dos limites finitos do mundo.

A frase inicial da Oração do Pai Nosso nos apresenta uma tensão. Embora nos aproximemos do Senhor numa atitude de intimidade (Pai), há ainda um elemento de separação. Podemos nos achegar a Deus e chamá-lo Pai, mas este relacionamento filial não nos permite ter o tipo de familiaridade que produz desrespeito. Devemos achegar-nos a ele com ousadia, sim, mas nunca com arrogância ou presunção.

"Pai nosso" fala de proximidade com Deus, mas "no céus" destaca sua singularidade, sua separação. O ensino é este: quando oramos, temos de lembrar quem somos e a quem nos dirigimos.

SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Não importando quão intimamente Deus nos convida a nos aproximarmos dele, ainda há uma separação infinita entre a majestade dele e a nossa pecaminosidade. Deus é aquele que está nos céus; nós somos da terra. Ele é perfeito; nós somos imperfeitos. Ele é infinito; nós somos finitos. Ele é santo; nós somos impuros. Nunca devemos esquecer que Deus é diferente de nós.

A "distinção" sagrada de Deus é um fato que os filhos de Arão esqueceram, mas a esqueceram somente uma vez.

Levítico 10:1-3 Nadabe e Abiú, filhos de Arão, tomaram cada um o seu incensário, e puseram neles fogo, e sobre este, incenso, e trouxeram fogo estranho perante a face do SENHOR, o que lhes não ordenara. Então, saiu fogo de diante do SENHOR e os consumiu; e morreram perante o SENHOR. E falou Moisés a Arão: Isto é o que o SENHOR disse: Mostrarei a minha santidade naqueles que se chegarem a mim e serei glorificado diante de todo o povo. Porém Arão se calou.

Deus exige ser tratado como santo, porque ele é santo. Ele é zeloso de sua honra. Ele não implora por respeito nesta passagem. Antes, a passagem é uma afirmação de um fato: "Eu serei tratado como santo".

Nunca devemos esquecer o erro fatal de Nadabe e Abiú e aproximar-nos do Deus soberano numa atitude segundo a vontade deles e não de Deus.

Examinando a primeira súplica da Oração do Pai Nosso, podemos ver que esta é a primeira prioridade sobre a qual Jesus falou. Seu pedido inicial foi que o nome de Deus fosse santificado.

A principal prioridade para o cristão é que o nome de Deus seja mantido santo, porque ele é santo. Se este fosse o único pedido de oração que a comunidade cristã sempre fizesse, e se os crentes o fizessem com regularidade e sinceridade, suspeito que o avivamento pelo qual oramos e a reforma que tanto anelamos aconteceriam imediatamente. Tudo, nosso trabalho, nosso ministério e todos os aspectos de nossa vida diária seriam afetados.

No Antigo Testamento, o propósito declarado para a eleição dos israelitas, sua religião, leis alimentares e cerimônias era estabelecê-los como uma nação santa, separada das culturas da antiguidade. Isso tinha em vista a honra

deles mesmos? Não, tinha em vista a honra de Deus. A honra de Deus tem de tornar-se a obsessão da comunidade cristã hoje.

A honra não deve ir para as nossas organizações, as nossas denominações, o nosso modo de culto ou nossas igrejas particulares, mas somente para Deus.

Considere as palavras escritas em **Ezequiel 36:22 Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes.**

Que mudança! A nação escolhida para ter o incomparável privilégio de mostrar a grandeza de Deus escolheu profanar publicamente o nome de Deus. Deus teve de puni-los por sua traição. Em última análise, o meu e o seu nome, nossas organizações e nossos esforços são todos sem significado se não honram o nome de Deus.

Hoje, uma assustadora falta de temor a Deus prevalece em nosso mundo.

Contudo, a principal prioridade que Jesus estabeleceu é que o nome de Deus seja santificado, honrado e exaltado.

VENHA O TEU REINO

Um tema central nas Escrituras é o reino de Deus.

Era o principal pensamento do ensino e da pregação de Jesus. Jesus veio como o cumprimento da mensagem de João Batista, que era clara, precisa e simples: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 3.2.).

No Sermão do Monte, Jesus se focalizou no reino, o tema-chave de sua pregação.

Por causa deste foco, o sermão era mais do que simplesmente uma apresentação de princípios para viver bem.

Jesus estava falando sobre os traços de caráter de pessoas que vivem um estilo de vida redimido no reino de Deus.

O conceito de reino é difícil de ser entendido para o cristão brasileiro. Nossa forma de governo é a democracia, em que a simples ideia de monarquia é repugnante. Somos herdeiros dos revolucionários que proclamaram, "Aqui não serviremos nenhum soberano!" Nossa nação é construída sobre uma resistência a soberania. Quando observamos os americanos, observamos que eles travaram batalhas e guerras inteiras para serem libertos da monarquia.

Como podemos então facilmente entender a mente das pessoas do Novo Testamento que oravam para que o Filho de Davi restaurasse a monarquia e o trono de Israel?

O Rei chegou. Cristo se assentou exaltado à direita de Deus e reina como Rei. Mas Jesus não é meramente o Rei espiritual da igreja, Ele é o rei do universo.

Esta realidade, porém, não é acreditada ou reconhecida pelo mundo.

Embora esse reinado seja um fato estabelecido, é invisível para o mundo em que vivemos. **João 18:36 Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.**

No céu, não há perguntas sobre isso, mas na terra, sim, há muitas perguntas sobre isso. Jesus estava dizendo que temos de orar para que o reino de Deus se tome visível na terra, que o invisível se tome visível.

Rebelião contra a autoridade de Deus não é uma coisa nova ou exclusiva de nossos dias ou da cultura ocidental.

Salmos 2:2-3 Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas.

Qual é a reação de Deus a esta rebeldia?

Salmos 2:4 Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.

Mas Deus não se ri por muito tempo...

Salmos 2:5-6 Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá. Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião.

O Senhor fala com aqueles que se rebelaram contra ele, aqueles que estão envolvidos nesta declaração de independência e lhes diz que constituiu Cristo como Rei.

Salmos 2:9-10 Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro. Agora, pois, ó reis, sede prudentes; deixai-vos advertir, juízes da terra. Servi ao SENHOR com temor e alegrai-vos nele com tremor. Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam.

Os cristãos devem orar pela manifestação do reino de Cristo e a vinda de seu reino. Se essa é a nossa oração, a nossa responsabilidade é mostrar lealdade ao Rei e testemunhar a respeito disso.

As pessoas não têm de adivinhar a quem nós exaltamos.

FAÇA-SE A TUA VONTADE

Esta frase não está pedindo a Deus que determinado conselho se torne realidade ou que Deus faça as coisas que preordenou desde a eternidade. Em vez disso, estamos orando por obediência à vontade revelada de Deus, o que ele nos deixou evidente por meio de seus mandamentos. A terceira petição é uma súplica por obediência da parte do povo de Deus, uma súplica no sentido de que as pessoas que fazem parte do povo de Deus obedeçam aos mandamentos de Deus.

por nossa obediência, e obviamente sua vontade é feita quando somos obedientes a essa vontade. Estas são as prioridades que Jesus estabeleceu.

Não devemos entrar precipitada e arrogantemente na presença de Deus, atacando-o com nossas petições insignificantes, esquecendo a quem estamos nos dirigindo. Devemos assegurar-nos de que exaltamos apropriadamente o Deus da criação. Somente depois que Deus foi corretamente honrado, adorado e exaltado, as petições subsequentes do povo de Deus assumem seu devido lugar.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA DÁ-NOS HOJE

Deus supre as necessidades de seu povo. Devemos ressaltar que a súplica agora é o pão diário, não o lombo assado ou o filé mignon diário. Deus supre as necessidades, mas nem sempre os caprichos.

Veja a experiência dos israelitas depois de terem sido libertos da terra do Egito. Deus supriu maravilhosamente o povo com pão, na forma do maná. O que aconteceu depois?

1. Primeiro, eles pararam de agradecer a Deus por sua provisão.
2. Segundo, começaram a murmurar da provisão feita por Deus.
3. Por fim, começaram a recordar as coisas boas que haviam desfrutado no Egito. Lembraram os pepinos, os melões, os alhos silvestres e as delícias que tinham comido no Egito, enquanto esqueceram a opressão, as dificuldades e as torturas que haviam suportado às mãos de Faraó. Murmuraram de terem de comer o maná no desjejum, no almoço e na janta. Os israelitas comiam suflê de maná, torta de maná, merengue de maná, maná cozido, maná assado, maná grelhado. Logo eles clamaram por carne. A história está registrada em: **Números 11:4-6 E o populacho que estava no meio deles veio a ter grande desejo das comidas dos egípcios; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar e também disseram: Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos. Agora, porém, seca-se a nossa alma, e nenhuma coisa vemos senão este maná.**

Depois disso Deus falou: **Números 11:18-20 Dize ao povo: Santificai-vos para amanhã e comereis carne; porquanto chorastes aos ouvidos do SENHOR, dizendo: Quem nos dará carne a comer? Íamos bem no Egito. Pelo que o SENHOR vos dará carne, e comereis. Não comereis um dia, nem dois dias, nem cinco, nem dez, nem ainda vinte, mas um mês inteiro, até vos sair pelos narizes, até que vos enfastieis dela, porquanto rejeitastes o SENHOR, que está no meio de vós, e chorastes diante dele, dizendo: Por que saímos do Egito?**

Um cuidado adicional que devemos ter na nossa condição caída é o conceito de homem de sucesso pessoal, aquele que toma o crédito por toda a abundância de seus bens e esquece a Fonte de toda provisão. Temos de lembrar que, em última análise, Deus nos dá tudo que temos. **Daniel 4:29-31 Ao cabo de doze meses, passeando sobre o palácio**

real da cidade de Babilônia, falou o rei e disse: Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade? Falava ainda o rei quando desceu uma voz do céu: A ti se diz, ó rei Nabucodonosor: Já passou de ti o reino.

PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS. ASSIM COMO NÓS TEMOS PERDOADO AOS NOSSOS DEVEDORES

Este é um pedido extremamente perigoso para fazermos em nossa oração, mas contém um princípio que o Novo Testamento leva muito a sério. Uma advertência suprema de Jesus é que Deus nos julgará de acordo com a maneira como temos julgado as outras pessoas.

Visto que o homem é salvo pela graça, que melhor evidência poderia haver da salvação de um homem do que ele oferecer aos outros a graça que ele mesmo recebeu? Se essa graça não é evidente em nossa vida, podemos tornar válida a pergunta sobre a genuinidade de nossa alegada conversão.

Temos de levar Deus a sério neste assunto. Em **Mateus 18:23-35**, Jesus nos conta a história de dois homens que deviam dinheiro. Um devia dez milhões de dólares, o outro devia aproximadamente dezoito dólares. O débito daquele que devia a enorme quantia de dinheiro foi perdoado por aquele a quem ele devia. Mas ele, por sua vez, não quis perdoar o homem que lhe devia a desprezível soma de dezoito dólares.

Interessantemente, ambos os homens pediram a mesma coisa, mais tempo, e não a isenção total da dívida. Foi cômico o homem que tinha uma dívida extremamente grande pedir mais tempo, visto que mesmo pelos padrões de salário de hoje a quantia devida era astronômica. Um dia de salário naquele tempo equivalia a cerca de dezoito centavos. O homem que tinha a dívida menor poderia ter pago sua dívida em três meses. Seu pedido por mais tempo não era ilógico, mas seu credor, em vez de expressar o perdão que recebera, começou a acozá-lo. O ensino deve ser claro. As ofensas que cometemos um ao outro e as ofensas que as pessoas cometem contra nós são como uma dívida de dezoito dólares, enquanto as inumeráveis ofensas que temos cometido contra Deus são como a dívida de dez milhões de dólares.

Jonathan Edwards, em seu famoso sermão "A Justiça de Deus e a Condenação de Pecadores", disse que todo pecado é mais ou menos detestável, dependendo da honra e da majestade daquele a quem ofendemos. Visto que Deus possui honra infinita, majestade infinita e santidade infinita, o menor pecado tem consequência infinita. Os pecados aparentemente triviais não são nada menos que "traição de nível cósmico" quando visto à luz do grande Rei contra quem temos pecado. Somos devedores que não podem pagar sua dívida, mas temos sido livres da ameaça de prisão dos devedores. Insultamos a Deus quando retemos o perdão e a graça daqueles que nos pedem, enquanto nós mesmos afirmamos ser perdoados e salvos pela graça.

Há outro ensino importante a ser considerado. Mesmo em nosso ato de perdão não há mérito. Não podemos recomendar-nos a Deus e reivindicar perdão apenas porque perdoamos a outra pessoa. Nosso perdão não obriga, de

maneira alguma, Deus para conosco. A Palavra ressalta com clareza que não há mérito nem mesmo na melhor de nossas boas obras: **Lucas 17:10 Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.**

Não merecemos nada por nossa obediência, porque a obediência, mesmo ao ponto de perfeição, é a exigência mínima de um cidadão do reino de Deus. Tendo cumprido o dever, a única coisa que poderíamos reivindicar é uma isenção de castigo, mas, com certeza, nenhuma recompensa, porque teríamos feito apenas o que se esperava de nós. A obediência nunca se qualifica como "acima e além da chamada ao dever". Entretanto, não temos obedecido; te-mos pecado gravemente. Por isso, estamos apenas numa condição de prostrar-nos a nós mesmos diante de Deus e rogar o seu perdão. Mas, se obedecemos, temos nós mesmos de estar preparados para mostrar esse perdão; do contrário, nossa posição em Cristo oscila precariamente.

A principal lição do que Jesus estava dizendo é esta: "Pessoas perdoadas perdoam outras pessoas". Não ousamos afirmar que possuímos a vida e a natureza de Cristo e, ao mesmo tempo, falhamos em exibir essa vida e natureza.

Ampliando o pensamento, se Deus perdoou uma pessoa, podemos nós fazer menos do que isso? Seria incrível pensar que nós, que somos tão culpados, nos recusaríamos a perdoar alguém que foi perdoado por Deus, que é totalmente inculpável. Devemos ser espelhos da graça para outros, refletindo o que nós mesmos recebemos.

Isto implementa a regra áurea em termos práticos.

O perdão não é uma coisa particular, e sim coletiva.

O corpo de Cristo é um grupo de pessoas que devia viver diariamente no contexto de perdão. O que nos distingue é o fato de que somos pecadores perdoados. Jesus nos chama atenção não somente aos elementos horizontais da petição, mas também aos elementos verticais. Devemos orar todos os dias pelo perdão de nossos pecados.

Alguém talvez pergunte: "Se Deus já nos perdoou, por que devemos pedir perdão? Não é errado pedir algo que ele já nos deu?" A resposta final para uma pergunta como esta é sempre a mesma. Nós o fazemos porque Deus manda que façamos. Há um João que ressalta uma das marcas de um cristão, como a sua atitude contínua de pedir perdão.

O tempo do verbo no grego indica um processo incessante. **I João 1: Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.** O desejo de perdão distingue o cristão. O incrédulo racionaliza seu pecado, mas o cristão é sensível à sua indignidade. A confissão toma uma parte significativa de seu tempo de oração.

Pessoalmente acho amedrontador pedir a Deus que nos perdoe na medida em que perdoamos os outros. É quase sempre como pedir justiça a Deus. Eu costumava advertir aos meus alunos, "Não peçam justiça a Deus. Vocês podem recebê-la". De fato, se Deus me perdoasse na exata proporção de minha disposição de perdoar os outros, eu estaria numa dificuldade profunda.

O mandamento de perdoar os outros como fomos perdoados se aplica também à questão de perdoar a si mesmo. Temos a promessa de Deus de que, se confessarmos os nossos pecados, ele nos perdoará. Infelizmente, nem sempre cremos nessa promessa. A confissão exige humildade em dois níveis.

O primeiro nível é a admissão da culpa; o segundo nível é a aceitação humilde do perdão.

Um dia, um pastor recebeu certa mulher perturbada com um problema de culpa que disse: "Tenho pedido a Deus, repetidas vezes, que perdoe este meu pecado, mas ainda me sinto culpada. O que posso fazer?"

A situação não envolvia a repetição múltipla do mesmo pecado, e sim de um pecado cometido uma única vez.

"Você deve orar novamente e pedir a Deus que a perdoe", respondeu.

Um olhar de impaciência frustrada se evidenciou em seus olhos. "Mas já fiz isso!", ela exclamou. "Tenho pedido a Deus repetidas vezes que me perdoe. Que proveito há em lhe pedir isso de novo?"

Ele respondeu: "Não estou sugerindo que você peça a Deus que lhe perdoe esse pecado. Estou lhe pedindo que busque o perdão para sua arrogância".

A mulher ficou admirada, "Arrogância? Que arrogância?" Ela estava supondo que seus repetidos pedidos de perdão eram prova determinante de sua humildade. Estava tão contrita por seu pecado que achava devia se arrepender dele sempre. Achava que seu pecado era muito grande para ser perdoado por uma dose de arrependimento. Que os outros cristãos recebam o perdão por graça; ela sofreria por seu pecado, não importando quão gracioso seja Deus. O orgulho fixara nesta mulher uma barreira para a sua aceitação de perdão. Quando Deus nos promete que nos perdoará, nós insultamos sua integridade quando recusamos aceitar o perdão. Perdoar a nós mesmos depois que Deus nos perdoou é um dever, bem como um privilégio.

NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO. MAS LIVRA-NOS DO MAL

A princípio, esta seção da Oração do Pai Nosso parece duas petições separadas, mas este não é o caso. Ela segue uma forma literária do Antigo Testamento, duas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa (Paralelismo).

Jesus não estava sugerindo que Deus nos tentará ao mal, se não fizermos esta súplica. Tiago diz especificamente que Deus não tenta a ninguém. Deus pode testar, mas ele nunca tenta para o mal. Um teste é para o crescimento; a tentação é para o mal. **Tiago 1:13 Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta**

Nem toda tentação procede de Satanás, pois Tiago diz também que somos tentados por nossa própria cobiça.

O mal inerente no coração do homem é capaz de tentar o homem sem a ajuda de Satanás.

O apelo para evitar a tentação e a petição por livramento do mal são uma e a mesma coisa. A tradução deste versículo em português não é a melhor, porque o mal do qual Jesus falou não é o mal no sentido geral. No grego, a palavra traduzida por "mal" é de gênero neutro; nesta seção da Oração do Pai Nosso, a palavra está no gênero

masculino. Jesus estava dizendo que devemos pedir ao Pai que nos livre do Maligno, o inimigo que deseja destruir a obra de Cristo neste mundo.

Jesus estava nos dizendo que peçamos ao Pai que construa uma cerca ao nosso redor. O pedido não tem o propósito de evitar as provações neste mundo, e sim proteger-nos da exposição desprotegida aos ataques de Satanás.

Jesus pediu ao Pai: **João 17:15 Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.**

Nesta parte da oração, pedimos a presença redentora de Deus. Sem essa presença, somos presas fáceis do inimigo. Pense em Pedro quando ele terminou de expressar entusiasticamente a Jesus a extensão de seu compromisso, a profundidade de seu amor e de sua devoção, bem como a intensidade de sua lealdade.

Olhando para ele e prevendo a sua negação, Jesus disse: **Lucas 22:31-32 Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.**

Se não fosse a intercessão de Cristo em favor de Pedro, este teria se perdido; sua fé teria fracassado.

Não somente temos Jesus a interceder por nós, para nos proteger do inimigo, mas também nós mesmos devemos pedir a Deus que nos guarde seguros das mãos do inimigo.

Em seis petições, Jesus delineou o padrão e as prioridades para a nossa vida de oração. A conclusão tradicional da Oração do Pai Nosso - "pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém!" - não se acha nos melhores manuscritos. Com toda probabilidade, ela não estava no texto original, mas era uma conclusão usual para as igrejas primitivas. No entanto, ela é uma conclusão apropriada e verdadeira.

Retorna ao assunto do início da oração, elevando uma doxologia Àquele que ouve nossas petições.